

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALESSANDRA PIRES MACHADO

**FUTEBOL NA CAPITAL: O AVAHY FOOTBALL CLUB EM SEUS PRIMEIROS
ANOS**

FLORIANÓPOLIS

2011

ALESSANDRA PIRES MACHADO

FUTEBOL NA CAPITAL: O AVAHY FOOTBALL CLUB EM SEUS PRIMEIROS ANOS

Monografia apresentada como requisito parcial a título de licenciada de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Professor Doutor Alexandre Fernandez Vaz.

FLORIANÓPOLIS

2011

ALESSANDRA PIRES MACHADO

FUTEBOL NA CAPITAL: O AVAÍ FOOTBALL CLUB EM SEUS PRIMEIROS ANOS

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Alexandre Fernandez Vaz – Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Doutoranda Michelle Carreirão Gonçalves

Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Mestre Lisandra Invernizzi

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Lucas Barreto Klein

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Avaí Futebol Clube

Florianópolis, 09 de dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha mãe, Olímpia de Jesus Pires Machado, que sempre esteve ao meu lado, foi ela quem financiou meu estudo e até hoje me sustenta.

Ao meu orientador, Alexandre Fernandez Vaz. Para ele não tenho palavras pelo esforço e por ter sido quem sempre acreditou que seria possível, e de uma maneira ou de outra se fez presente durante grande parte da minha graduação.

Aos colegas e amigos da universidade que direta ou indiretamente estiveram presentes na minha vida acadêmica, ou pessoal, seja nas aulas, nos encontros ou nas festas.

Aos companheiros de grupo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea - CED. Cada um de vocês acrescentou muito em minha formação, seja durante as discussões de textos, seja no próprio convívio, de forma mais distante ou próxima. Agradeço à Fernanda de Azevedo pela ajuda na coleta das fontes para este trabalho na biblioteca pública estadual. Um agradecimento em especial para Lisandra Invernizzi que assim como meu orientador esteve presente em minha vida acadêmica durante grande parte da minha graduação, sempre pronta para ajudar. Mas muito mais que ajuda, durante a construção deste trabalho esteve presente em todas minhas coletas das fontes, jamais esquecerei o apoio recebido.

Agradecimento especial ao CNPq, quem financiou meu estudo por três semestres, e a partir disso é que devo a construção deste trabalho.

Aos professores do curso que me acompanharam durante esta trajetória.

Aos membros da minha banca por terem aceitado o convite e de terem interesse em fazer parte deste processo.

Ao meu pai, Ailton Vicente Machado, que mesmo não estando presente em vida, fez e faz parte da minha existência.

Àqueles que aqui não foram citados de forma que meu esquecimento os ocultou, mas que estiveram ao meu lado sintam-se agradecidos, da mesma forma, àqueles que se interessaram em saber do andamento deste trabalho.

Àqueles que me forneceram materiais para o presente estudo.

E aos amigos que conquistei durante toda minha vida.

A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho busca analisar aspectos históricos do futebol em Florianópolis, em especial do Avaí Football Club, no período de transição do amadorismo ao profissionalismo do futebol no Brasil, décadas de 1920 e 1930. O estudo relaciona esta prática esportiva com as transformações apresentadas na época, por conta da modernização ocorrida nas cidades brasileiras. Analisando como fontes jornais florianopolitanos de 1925, 1928 e 1933. O esporte entra nas cidades modernas não somente como prática desportiva, mas também como prática social, onde as relações se estabeleciam nos meios de convívio comuns dos praticantes e espectadores dos desportos. Isso decorre através das informações desportivas veiculadas nos jornais, já que estes se tratavam do meio de comunicação da sociedade nas primeiras décadas do século vinte. A partir das análises pode-se observar o desenvolvimento do futebol tanto na pacata cidade, como nas grandes metrópoles brasileiras, além de conferir o espaço que este ganhava nas notas diárias, e o lugar que o Avaí Football Club alcançava no momento em que o desporto se democratizava no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Modernização. Avaí.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1 - O futebol – do amadorismo ao profissionalismo.....	10
Capítulo 2 - Florianópolis – do rompimento com o passado às novas tendências	18
Capítulo 3 - Avahy Foot Ball Club: notas sobre origem	22
Capítulo 4 - O futebol em Florianópolis (1925-1933), o Avahy Football Club em especial	26
Uma nota final	36
Referências.....	37

INTRODUÇÃO¹

A ideia de praticar esportes veio juntamente com a de modernização da sociedade. Conforme as cidades foram se formando e posteriormente transformando seus hábitos e costumes, houve a necessidade de acrescentar práticas de lazer que pusessem os corpos em movimento, e no lugar antes ocupado apenas por atividades intelectuais, nas primeiras décadas do século vinte, o tempo livre já era preenchido com práticas esportivas. Em meio a mudanças urbanas, com nova organização do tempo e do espaço, na educação e nas obras sanitárias, o esporte entra como facilitador no processo de disciplinar os corpos, para os sujeitos tornarem-se fortes e saudáveis, na perspectiva de formação do *gentleman*.

Ao falar da modernização de Florianópolis podemos pontuar que foi na recepção das camadas superiores que as novas tendências foram ganhando espaço. O primeiro esporte a alcançar destaque na Ilha foi o remo, praticado pelo alto escalão societário, antes mesmo de a cidade tornar-se 'Florianópolis'. No início do século vinte, em segundo lugar, o futebol consegue ganhar algum espaço, porém, ainda restrito à elite. Logo que o futebol foi se popularizando, as demais classes sociais foram praticando-o, e com isso este esporte, por ser facilmente jogado, foi ganhando terreno.

Na capital catarinense o futebol foi avançando e se democratizando, principalmente a partir da década de 1920. Além dos clubes já existentes desde o final dos anos dez, foi na década posterior que novos foram fundados com ideais mais correspondentes à legitimação dessa prática esportiva.

E para grampear o futebol e a sociedade, neste caso, florianopolitana, chega ao cenário esportivo o Avahy Football Club. O estudo tem como objetivo analisar os aspectos históricos do clube no período de transição do amadorismo ao profissionalismo no futebol, no Brasil. O time se coloca no contexto histórico em que o esporte se desenvolvia, ganhando destaque e espaço social e culturalmente. Além dele haveria outro time para ser estudado, o qual trilhou caminhos semelhantes ao aqui pesquisado, até os dias atuais. Mas pelo fato de se tratar do time o qual temos apreço, o estudo faz mais sentido ao ser o Avahy Football Club o objeto. O

¹ O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (II e III), financiado pelo CNPq, em especial com auxílio pesquisa, bolsa de apoio técnico à pesquisa e bolsa de iniciação científica para a autora.

presente estudo, portanto, conta um pouco sobre o futebol em Florianópolis e, em especial da trajetória do Avahy Football Club, time importante e de grande expressão na capital, entre seu surgimento na década de 1920 e 1933, quando completou dez anos de existência em meio às transformações do amadorismo ao profissionalismo.

O trabalho é dividido em três capítulos, sendo que o primeiro ‘O futebol – do amadorismo ao profissionalismo’, procura sintetizar o processo pelo qual o futebol passou, de sua origem à profissionalização, no Brasil. Com o título ‘Florianópolis – do rompimento com o passado às novas tendências’, o segundo comenta algumas mudanças dos hábitos na cidade, inclusive sua *esportivização* resultante do impulso moderno vindo da República, do final do século dezenove e presente nas primeiras décadas do século vinte. ‘Avahy Football Club: notas sobre sua origem’ é o título do terceiro capítulo que tem o propósito de contar a trajetória histórica do futebol em Florianópolis, mais precisamente do clube que intitula tal parte. O último capítulo chama ‘O futebol em Florianópolis (1925-1933), o Avahy Fottball Club em especial’, e ele pontua os anos de 1925, 1928 e 1933, observando como os atributos e alcances que o clube, assim como outras instituições e fatos, puderam consolidar o esporte na capital catarinense, especialmente o futebol.

As fontes foram coletadas em dois jornais veiculados na sociedade florianopolitana nos anos 1920 e 1930. Segundo uma especialista consultada, da própria Biblioteca Pública de Santa Catarina, o jornal mais popular da época era ‘O Estado’, periódico diário circulante entre 1915 e 1989. Foi esse, portanto, o motivo de buscar as fontes, principalmente, no próprio. Nos anos pesquisados, apresentava entre quatro e oito páginas.

Foi realizada uma busca primeiramente no ano de fundação do Avahy Football Club, em 1923, tanto sobre o futebol quanto sobre outros esportes praticados em Florianópolis, mas eram matérias unicamente informativas, que traziam apenas algumas notícias relatando que houve um *match de football*, uma regata de remo e nenhuma notícia sobre o surgimento do novo *club de football*. Partimos para o ano de 1924, mas os jornais daquele ano estavam interditados, pois não se apresentavam em bom estado para consulta, rasgados. Então passamos a analisar o ano de 1925, em que já constavam notícias, relatos, comentários sobre o *football*. Isso, possivelmente, se deve ao fato de o *football* na capital já apresentar-se de forma mais organizada, com uma Liga (responsável pelo esporte em Santa Catarina desde 1924) que tornava sua prática estruturada em Florianópolis e no próprio estado. As matérias sobre os esportes encontravam-se na coluna ‘Pelo desporto’ e ‘Espectador’. A última oferecia espaço para o pronunciamento de qualquer cidadão sobre algum fato esportivo. Estas colunas não

eram impressas diariamente, em alguns momentos apresentavam-se uma vez por semana, em outras, em dias seguidos, e ainda houve alguns casos que não se leu nenhuma notícia esportiva durante uma semana. Ao se dar prosseguimento à coleta, constata-se que os meses do ano que correspondem ao segundo semestre de 1925 encontram-se interditados. Portanto passou-se a analisar o jornal “O Tempo”. Trata-se de um *orgam* do Partido Republicano Catharinense, veiculado diariamente em Florianópolis entre os anos de 1925 e 1926. Esse para notícias esportivas possuía a coluna ‘Notas Desportivas’.

Para seguir com a coleta de dados foi verificado o que acontecia em 1928, ano em que o objeto deste estudo completava cinco anos de fundação. Para esta coleta voltou-se a analisar o jornal 'O Estado'. Em seguida, o estudo teve prosseguimento com as fontes coletadas novamente no jornal ‘O Estado’, agora dez anos depois a fundação do Avahy, em 1933.

Com essa estrutura, o trabalho se propõe a fazer um passeio sobre a temática que rodeia a sociedade brasileira no país do futebol, sua inserção moderna e nela, o lugar de nossa equipe de devoção.

CAPÍTULO 1

FUTEBOL: DO AMADORISMO AO PROFISSIONALISMO

No contexto das transformações sociais, científicas, tecnológicas, das últimas décadas do século dezanove, acontece um grande movimento migratório em todo o mundo. O Brasil nessa época torna-se atrativo economicamente, tanto para investidores, quanto para trabalhadores, com o café aqui plantado e colhido. Com a vinda dos imigrantes, principalmente europeus, para o trabalho na lavoura e para os serviços correlatos, as cidades se expandem, aumentando a sua massa trabalhadora, tornam-se metrópoles.

É principalmente pelo mar que chega a modernidade. As cidades portuárias brasileiras são as primeiras a receber as novidades vindas de outros países, pelo motivo, talvez óbvio, de fácil acesso para os navegantes às cidades. Dentre as novidades vindas do exterior, pode-se destacar uma prática corporal codificada, um *sport*, de origem inglesa, o futebol, inaugurando assim a presença de mais um elemento da cultura urbana europeia nos costumes e hábitos brasileiros. Como lembra Rosa (2003, p. 24), “a prática do futebol que conhecemos nos moldes atuais teve seu surgimento na Inglaterra, no século XIX.”

Nota-se que todo esse movimento só é possível por causa da “invenção” dos esportes em fins do século XIX. Esta invenção se dá pela transformação de práticas lúdicas antigas, populares ou aristocráticas, em estruturas codificadas no formato de contendas organizadas por regras mais ou menos permanentes, órgãos administrativos (as futuras federações) e preparação mais sistematizada dos participantes, entre outros elementos. No futebol, podemos pontuar tal sentido, uma vez que, segundo Elias e Dunning (1992, p. 257), “desde o século XIV em diante podemos encontrar-se, nas fontes inglesas, referências bastante seguras a um jogo de bola chamado futebol, mas a semelhança do nome não autoriza, de modo algum, a identificação do próprio jogo.” Já que este se tratava de um “jogo popular medieval de futebol que reflete tanto um potencial superior de solidariedade como de conflito e luta [...] se os temperamentos se exaltassem podiam conduzir sem dúvida, em qualquer momento, as explosões de luta aberta” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 266). Ou ainda:

Um divertimento local, para a população de camponeses mais ou menos livres da região, promovido pelos proprietários de terras locais, que, com frequência, embora nem sempre talvez, fossem não nobres [...], o povo da região, os camponeses e a pequena nobreza em conjunto, sentia prazer nele [no jogo] e estavam [...] sempre disponível para realizá-lo. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 275).

As regras mais ou menos universais foram instituídas no final da Idade Média. Assim Elias e Dunning (1992, p. 274-275) relatam que “as regras tradicionais e os regulamentos baseados nos costumes, que se desenvolveram ao longo dos séculos como uma espécie de auto restrição coletiva, desempenhavam a função das nossas regras institucionais mais elevadas e com frequência, pensadas de forma mais cuidadosa.” Ainda em relação às regras, Gay (1995, p. 436) ressalta que “bem antes de 1900 [...] os times de futebol por toda civilização ocidental colocavam em campo o mesmo número de jogadores e chutavam em gols do mesmo tamanho.”

Pierre Bourdieu (1983, p. 146) assim formula a questão:

O próprio desenvolvimento da prática do esporte [...] sem dúvida resulta em parte do fato de que o esporte se predispunha a cumprir numa escala maior as próprias funções que estavam na origem de sua invenção, no final do século XIX: antes mesmo de considerá-lo um meio de ‘formar o caráter’ segundo a velha crença, as escolas [...] viram nos esportes um meio de ocupar a menor custo os adolescentes que estavam sob sua responsabilidade em tempo integral.

O futebol se encaixa nesses moldes. E mais, Bourdieu (1983, p. 139) lembra que:

[...] a escola é lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo [...]. O que é adquirido na e pela experiência escolar, espécie de retiro do mundo e da prática do qual os grandes internatos das escolas de ‘elite’, representam a forma acabada, é a inclinação à atividade para nada, dimensão

fundamental do ethos das 'elites' burguesas que sempre se vangloriam de desinteresse e se definem pela distância eletiva em relação aos interesses materiais. O fair play é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é o jogo, dos que sabem manter "a distância em relação ao papel".

O autor ainda acrescenta algo sobre a relação da escola com o esporte. Segundo ele, "parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa." (BOURDIEU, 1983, p. 139).

O futebol é interpretado por Gay (1995, p. 446) como um

(...) esporte antigo, de origem incerta, foi, por muitos séculos, uma diversão democrática, muitas vezes ilegal. No século XVIII, uma versão bem primitiva, mas completa até mesmo com a previsível violência, havia se tornado um dos divertimentos favoritos do que as classes médias da Inglaterra chamavam de 'pessoas comuns'. Mas foi em grande parte, sua duradoura popularidade entre os alunos das escolas públicas inglesas e em meados do século sua influência nas velhas universidades que os resgataram da difamação e do esquecimento.

O esporte em seus inícios era visto antes como um estilo de vida do que como uma atividade física. Tampouco aparecia como profissão, mas como prática realizada de forma desinteressada pela elite. O futebol, encaixando-se na dinâmica da prática esportiva, popularizou-se entre todas as classes da sociedade, a princípio na Inglaterra, até ser 'exportado' para os países vizinhos e para outros continentes. Sua popularização ocorreu devido ao fato de poder ser jogado em qualquer lugar, por sua condição de esporte coletivo e por permitir, como outras modalidades, a manifestação controlada da violência. O indivíduo teria a possibilidade de liberar as tensões pré existentes no jogo ou advindas dele. Além disso, "o esporte poderia ajudar na integração das classes, mas somente durante sua prática, acabou o jogo, termina essa mistura de classes" (GAY, 1995, p. 442). Ainda segundo Gay (1995), a popularização do futebol resultou em um processo de democratização antes da virada do século dezanove para o vinte, diminuindo paulatinamente sua radicação de classe.

Com a fusão dos dois movimentos presentes no final do século dezenove e início do século vinte, o de expansão das cidades e o de invenção dos esportes, pode-se pensar na necessidade de a população incorporar destrezas físicas para poder viver nas grandes cidades, ou seja, a população brasileira deveria adequar suas ações de forma ajustada com o (novo) ambiente urbano. A partir disso, dá-se importância à educação física, pois com ela seria possível adaptar o repertório de movimentos corporais, sendo assim, um processo facilitador para o ajustamento esperado da população com as possíveis dificuldades encontradas para se viver numa metrópole (SEVCENKO, 1992).

O esporte teve o poder de transformar os costumes e hábitos de uma sociedade. Com as práticas esportivas a juventude masculina e feminina muda seu vestuário, para perplexidade das gerações anteriores². A juventude começa a usar roupas mais ‘adequadas’ para as práticas esportivas, as quais mostram as curvas dos corpos em tecidos colados a eles ou até mesmo vestes que deixam algumas partes até então escondidas, agora nuas. Soares acrescenta que “as roupas no início do século vinte [...] revelam um corpo real, mais do que esconder, desejam mostrar, mais do que conter, desejam libertar.” (SOARES, 2011, p. 29). Soares segue, ao dizer que

A publicidade de roupas esportivas em revistas não especializadas, bem como a proliferação de revistas específicas do esporte e educação física nas três primeiras décadas do século XX também no Brasil são reveladoras de olhares novos sobre o corpo e sobre o modo de vestir com especificidade, de fazer da roupa especializada em necessidade. (2011, p. 30).

As mulheres ganham espaço na sociedade e utilizam os ambientes públicos para praticarem esporte. Os anos 1920, também chamados de

(...) anos loucos [,] revolucionaram hábitos e comportamentos, o que, sem dúvida, vai revolucionar também maneiras de se vestir. [...] Vemos o fim do uso de espartilhos, de modelos de cintura apertadas, do uso de grandes

² "As modificações no vestuário e nos discursos acerca dele indicam mudanças nas relações sociais e tensões entre os diferentes grupos sociais que se apresentam de forma diferente no espaço público." (CRANE, 2006, p. 23-24, apud SOARES, 2011, p. 20).

anáguas. Também o comprimento das saias se modifica bastante e elas encurtam a partir dos anos de 1910. (SOARES, 2011, p. 30).

As roupas começam a ser inspiradas no movimento do corpo, oferecendo mais conforto e flexibilidade, principalmente para as mulheres. Soares sintetiza a seguir um pouco o significado do surgimento do esporte na sociedade brasileira:

Desde os fins do século XIX, constata-se não apenas uma certa tolerância em relação aos exercícios corporais e ao esporte, mas também uma demanda em relação a essas práticas que, nesse período, fazem sua tímida entrada em terras brasileiras, mais especificamente nos centros urbanos. Essas práticas podem ser compreendidas como expressão da lenta modernização da sociedade, acentuada nos anos de 1920, período em que se observa uma ampla aceitação e mesmo adesão aos exercícios físicos e ao esporte. (2011, p. 35).

A partir da aceitação do esporte na sociedade e com a democratização, em especial, do futebol, segundo Bourdieu (1983, p. 140), “o esporte é concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de formar caráter e inculcar a vontade de vencer, [...], mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta a busca vulgar da vitória a qualquer preço.” De forma semelhante, Vaz e Bombassaro (2010) indicam o sentido de formação do gentleman no tempo livre, e não no trabalho.

Com isso e para manter essa ideia nas práticas esportivas pode-se afirmar que “o espírito do amadorismo era parte da grande campanha do século XIX em prol do caráter.” (GAY, 1995, p. 444). A aristocracia se colocava contra a democratização dos esportes, defendendo o culto ao amadorismo, que estava perdendo seu espaço, pois “trabalhadores que competiam em equipes esportistas tinham de ser reembolsados pelo tempo que perdiam no trabalho [...]. O culto do amadorismo gerou mais hipocrisia do que qualquer outra coisa na história moderna dos esportes.” (GAY, 1995, p. 443). Gay (1995, p. 443) completa dizendo que “as implicações sociais desse culto são óbvias; o amador é uma pessoa que tem tanto tempo como dinheiro para dedicar ao esporte.”

No Brasil, a palavra futebol sempre vem associada à palavra jogo, ou seja, jogo de futebol. É comum ouvir dizer “hoje vou ao jogo de futebol”, diferente com o que acontece em outros países, em que tal prática é definida não como jogo, mas apenas como esporte, ou *sport* (para americanos e ingleses, por exemplo.). Para explicar tal associação DaMatta afirma que “no Brasil, o fato de existir uma associação entre futebol e jogo denota duas ideias que no caso da sociedade americana seguem separados. Uma delas é a ideia de jogo de azar – jogo [...]. A outra, é a ideia mesmo relativa à atividade esportiva” e conclui que “ao passo que no Brasil, o esporte é vivido e concebido como jogo. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino.” (DAMATTA, 1982, p. 25).

O futebol, esporte trazido pelos trabalhadores e funcionários ingleses para o Brasil foi efetivado em meados da década de 1890 e era praticado unicamente por homens. Inicialmente pode ser observada sua prática nos seletos clubes, pelos grupos de elite, portanto, o esporte era provido com traço aristocrático, apesar das regras do jogo terem a possibilidade de adaptação, tanto de local, como de materiais. Mas, insistentemente, a aristocracia dividia a prática do esporte pelos níveis sociais, quando as diferentes classes, por não possuírem educação e costumes comuns, não poderiam participar de uma mesma partida de futebol. Isso para preservar a atividade puramente amadora e elitista. Mas segundo Franzini:

[o futebol com] seu potencial integrador enquanto jogo de equipe, as intensas emoções que despertava e a facilidade com que podia ser improvisado mesmo sob as condições mais adversas fizeram-no ultrapassar sem demora os limites dos seletos clubs e colégios onde se instalara inicialmente para se alastrar por redutos urbanos menos nobres, como fábricas, várzeas e subúrbios. (2003, p. 18).

Em se tratando de uma sociedade pós abolição, ainda havia o preconceito e a exclusão dos negros, pertencentes às camadas populares, reproduzindo também no futebol a postura segregacionista reinando a suposta superioridade de raça (branco) e de classe (alta e média).

Após o futebol brasileiro, em 1919, ganhar pela primeira vez um campeonato internacional, o campeonato sul-americano, o esporte começa atingir uma dimensão nacional, tanto que entre as décadas de 1920 e 1930, para o futebol, compreendem o “tempo de

formação do esporte inglês enquanto símbolo da identidade nacional brasileira” (FRANZINI, 2003, p.11). E em 1922, é criado o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.

Com esse incremento do futebol, por volta dos anos 1930, os meios de comunicação relacionados ao esporte também cresciam. Enquanto no início do século as matérias dos jornais eram apenas citações informativas, a partir da década de 1920 o futebol era de fato um conteúdo para os jornais, que na década de 1930 já se segmentavam em ‘esportivos’. Essa dedicação dos jornais se dá pela popularização do futebol e com isso ocorre uma relação entre este esporte e a imprensa. O rádio também entra em destaque nesta relação com o futebol, com o início da transmissão dos jogos, já que nesses dias os estádios de futebol lotavam e para que pudesse atingir todo público interessado nas partidas e que não conseguiam lugar no estádio, o rádio transmitia os jogos, atingindo assim mais expectadores.

O futebol ultrapassa as linhas do campo a partir de toda divulgação do esporte com a transmissão em rádio, veiculação em jornais, alcançando grande parte da população brasileira, passando a ser chamado, assim, de fenômeno nacional. Transformado em fenômeno nacional, o futebol perde seu caráter elitista, amador, e pode ser jogado por toda a sociedade por meio do rompimento da barreira econômica e racial que inicialmente pode-se constatar. Ele ganhou um caráter de profissionalismo, pois em 1930 a maioria dos jogadores já estava nessa condição, mas o futebol ainda era caracterizado como amador, ou melhor, “mascarado de amador”³, isso porque mesmo aqueles que o tinham como única profissão não dispunham de qualquer garantia formal para trabalharem com segurança e tranquilidade, assim, tanto os dirigentes quanto os jogadores eram descontentes com a situação de semiprofissionalismo, ou como conhecido na época por “amadorismo marrom”. Segundo Winisk (2008), o período áureo do amadorismo elitista se estendeu de 1910 a 1919, seguido de uma fase de “amadorismo marrom”.

Ainda no ano de 1930, havia jogadores que viajavam para Europa visando reconhecimento profissional, já que no Brasil a Confederação Brasileira de Desportos (CBD)⁴ permanecia com caráter amador. E com a intenção da ascensão social o jogador almejava profissionalizar-se para realizar esse sonho.

Em 1933, a Liga Carioca de Futebol (LCF) foi a primeira entidade a aceitar oficialmente o profissionalismo no futebol brasileiro. Posteriormente cariocas e paulistas

³ F.E, cronista do jornal Correio do Paulistano, 1930. (FRANZINI, 2003)

⁴ Criada em 1919, a Confederação Brasileira de Desportos era o órgão oficial de futebol nacional.

unem-se e criam a Federação Brasileira de Futebol (FBF), abrigando os principais times profissionais, algo que, segundo Wisnik (2008) não foi totalmente aceito pela elite.

Agregado ao fato da CBD ainda insistir em permanecer com o amadorismo, havendo alguns conflitos entre os amadoristas e profissionalistas, principalmente durante a formação do time que disputaria a Copa Mundial de 1934, realizada na Itália, pois o órgão não aceitava os jogadores de times profissionais. Mas, em vista do desempenho insatisfatório da seleção brasileira naquela Copa, três anos após, em 1937, a CBD reconhece a legitimidade do profissionalismo no futebol, de forma que a FBF desaparece do cenário brasileiro.

Com o nacionalismo do Estado Novo, instaurado no mesmo ano de 1937, o futebol entra no seu clima, levando para a Copa seguinte, em 1938, o caráter de patriotismo. Mesmo assumindo o caráter profissional para Copa daquele ano, foi relatado certo amadorismo da delegação. Mas, em se tratando de futebol jogado, o Brasil, vence e convence em seu primeiro jogo, com reconhecimento internacional. Foi afirmada, assim como ocorreu em 1919⁵, que a habilidade do jogador brasileiro era diferente dos demais jogadores do mundo, principalmente dos europeus. Os brasileiros executavam gestos incomparáveis, muito longe das habilidades clássicas vistas no futebol. Para desgraça e tristeza geral da nação o Brasil perde a semifinal para Itália, fica em terceiro lugar. O fervor e a decepção encontrados no Brasil durante os jogos da seleção servem para mostrar o envolvimento dos brasileiros com o futebol (FRANZINI, 2003).

Assim, numa forma de ilustrar o processo inicial e contínuo do futebol no Brasil, Franzini afirma que “o futebol, após passar por todos os conflitos que envolveram sua popularização e transformação em uma forma reconhecida de trabalho, encontra no Estado Novo condições políticas propícias para iniciar sua transformação em patrimônio nacional.” (2003, p. 84).

⁵

Campeonato sul-americano, primeiro título internacional do futebol brasileiro.

CAPÍTULO 2

FLORIANÓPOLIS: DO ROMPIMENTO COM O PASSADO ÀS NOVAS TENDÊNCIAS

A capital do estado de Santa Catarina até 1894 era conhecida como Nossa Senhora do Desterro, mas logo que foi implantada a República, a cidade recebeu o nome de Florianópolis em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto. Segundo Ferreira (1998, p. 45), “o advento da República trouxe consigo uma transformação bastante grande na cidade. A elite já ansiava pela civilização antes da República, mas com ela este desejo se tornou mais forte.” Por se tratar de uma ilha, apresentava naturalmente um isolamento geográfico, se comparado com outras cidades do estado, mas mesmo assim era nela que se encontrava o poder político, por se tratar da capital. Ainda quando Florianópolis era considerada vila,

o incremento do comércio de Desterro deu-se devido à importância que [esta] obteve como porto e centro de abastecimento, que aliado ao fato de ser a sede administrativa da Província fez com que nascesse uma pequena burguesia que começou a vestir as ruas de sobrados, a calçá-las de pedra e a enfeitá-la de lampiões. E Desterro foi promovida a cidade em 1823. (FERREIRA, 1998, p. 25).

Conforme supracitado, o comércio na capital, devido ao seu isolamento geográfico, dava-se por meio de produtos que chegavam pelo porto⁶, por essa característica, a cidade era considerada um centro econômico, já durante o século dezenove era pelo mar que o progresso chegava (FERREIRA, 1998). O porto foi assim descrito no relatório do Departamento Nacional de Portos e Navegações nas primeiras décadas do século XX, segundo Santos (2009)⁷:

⁶ A ilha de Santa Catarina, com suas duas baías, sempre foi um abrigo natural para a navegação dos tempos coloniais. O Porto de Florianópolis era essencialmente importador de carga geral, ferramentas, máquinas, combustível e alimentos para o abastecimento da capital e das vilas próximas por meio da navegação pelas baías Norte e Sul. Sua desativação aconteceu no ano de 1964.

⁷ SANTOS, Silvio dos. Porto de Florianópolis. Junho de 2009. Disponível em: <http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=23173>.

O Porto de Florianópolis fica localizado em frente a cidade e a ele se tem acesso através dos canais Norte e Sul, ligados pelo Estreito de Santa Catarina, o qual separa a ilha desse nome do continente. Em volta da baía Sul se localizou o comércio com seus trapiches, sendo aí que há muito tempo foram iniciados os melhoramentos do porto, em forma de cais que permitem a acostagem de embarcações de até dois metros de calado e que é conhecido com a denominação de Cais da Prainha. A preferência por outros portos do Estado, de interesse comercial muito maior relegou ao abandono as obras do porto da capital. É assim que, ainda hoje, a operação de descarga dos navios se faz em pequenos trapiches de madeira, mais ou menos bem construídos e pertencentes às companhias de navegação.

Para se comunicar com as demais cidades, o trajeto marinho era realizado em embarcações privadas, transportando passageiros e mercadorias. Ainda segundo Ferreira (1998, p. 28), “foi na transição Império-República que se intensificaram as discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social de Florianópolis.” A preocupação era com o saneamento, canalização de córregos, água encanada, esgoto, erradicação de focos de doenças. Costa (2011, p. 112) acrescenta que “as medidas relativas à higienização do espaço urbano da capital catarinense e a proibição de costumes praticados pela população florianopolitana não eram condizentes com o anseio e a civilidade.” Assim nas primeiras décadas do século pode-se observar “uma profícua discussão sobre as medidas para o equacionamento de doenças infectocontagiosas e sobre a salubridade dos espaços públicos da cidade de Florianópolis.” (COSTA, 2011, p. 112). A partir disso, o espaço urbano sofre intervenções quanto a sua ordenação, com “embelezamento e modernização de suas vias de circulação, acentuando o rompimento com o passado, com práticas e relações que determinados grupos queriam esquecer.” (FERREIRA, 1998, p. 46). Ainda no início do século vinte, a cidade era pequena, poucas quadras formavam o seu território habitado. Porém, possuía seu seletto grupo de elite, o qual comandava a cidade tanto política quanto intelectualmente. Influenciada pelo ideal republicano, a elite da cidade incumbe-se do processo de modernização, com o já mencionado discurso de urbanizar, limpar e sanear Florianópolis. Começam, então, as primeiras mudanças urbanas, e com elas as de ordem cultural e social.

As transformações movidas pela elite fazem com que a cidade comece a se encaixar nos moldes das grandes metrópoles. Podemos sugerir que a modernidade aqui chegou para

romper com os aspectos ultrapassados e para enquadrar a cidade num quadro urbano e social que aderisse às novas tendências e que aceitasse as novidades. Alguns pontos importantes desse processo de modernização, na região central da cidade, no início do século vinte, foram a implantação de redes de água encanada em 1909, a inserção da iluminação pública com energia elétrica, em 1910 e a construção do sistema de esgoto que se estendeu durante os anos de 1913 a 1917 (FERREIRA, 1998, p. 54). Também muito importante foi a construção de ruas, com demolições de casas, principalmente da população mais humilde, que teve que aderir às transformações da cidade determinadas pela elite. O intuito de disciplinarização dos espaços urbanos tinha como objetivo de “adequá-los às posturas civilizatórias propagadas pelas elites locais [...], uma vez que almejavam o progresso material e moral da sociedade brasileira da época, vedado aos seus estratos mais inferiores” (COSTA, 2011, p. 106-7). Assim, a população mais humilde da capital foi afastada das áreas habitadas pelos burgueses, tendo assim que ocupar locais às margens da cidade. Portanto, durante este processo houve a segregação da população pela dinâmica de classes.

Além de toda transformação urbanística, foi necessário para se dar prosseguimento à modernidade, educar a sociedade, ou seja, disciplinar e determinar a conduta da população, pois como Ferreira (1998, p. 55) declara, “já não bastava a higiene, o anseio corporal e individual, era preciso também higienizar a sociedade. A sociedade como um todo precisava ser higienizada, saneada, para que as pessoas pudessem de fato, ser civilizadas.” Por se tratar de uma cidade pacata, o ócio era evidente na vida da sociedade e com o intuito de consolidar o ideal moderno já estabelecido, as práticas corporais foram introduzidas na vida da população exatamente com o propósito de educar, remetendo à disciplina e correção dos corpos. De acordo com Ferreira (1998, p. 45),

(...) a civilização que se construiu adotando novas práticas sociais que passaram a ser símbolo do ser ‘chique’. Entre estas práticas podemos acrescentar o banho de mar, que juntamente com outras atividades da cultura do corpo [...], tornaram-se símbolo do homem civilizado da primeira metade do século XX.

O banho de mar não era aceito até o início do século vinte, pois o mar era o destino do lixo e dos excrementos, além de ser considerado lugar de trabalho, já que por meio dele que se tinha alimentação necessária para sobrevivência. Somente em 1930 é que o banho de mar foi consolidado, como fins de lazer e modernização (FERREIRA, 1998).

E em relação as outras atividades da cultura do corpo, destaca-se o esporte, que com suas normas disciplinadoras entra na vida da sociedade para realizar o papel de educador, veículo necessário para dar forma à vida moderna. Mas no início do século, o esporte, com seu caráter disciplinador, além de ter a finalidade de aperfeiçoar o físico e sem o caráter competitivo, tinha ainda a intenção de preparar o corpo para as transformações que estavam ocorrendo na cidade. Com sua notoriedade, o esporte, de forma gradativa, perdia seu sentido *genuíno*, passando a ser prestigiado pelo público que o assistia, trazendo um sentido de entretenimento para a população.

Os dois esportes que durante esta época compunham o cenário da cidade com maior destaque eram o futebol e o remo. Ambos mostravam os esforços para se tornarem um espetáculo público. O remo, um esporte tradicional; o futebol, esporte crescente e que chamava mais atenção entre as camadas médias superiores por se tratar de uma prática saudável física e moralmente aristocrática (VAZ; BOMBASSARO, 2010).

Mas a modernidade ainda não se cessava por aí. Ainda após o início da consolidação do esporte em Florianópolis, foi inaugurado o primeiro acesso da ilha ao continente, a ponte Hercílio Luz, em 1926, símbolo da modernização na cidade. Com a facilidade de acessar outras cidades, Florianópolis iria crescer tanto econômica, quanto culturalmente, fortalecendo assim um dos propósitos da modernidade. Após a sua inauguração foi atestado conforme Costa (2011, p. 100), um “maior incremento à introdução de veículos motorizados e a organização e ou adaptação de dispositivos regulamentares para disciplinar o trânsito da capital catarinense”, como por exemplo, dispor de habilitação para dirigir, para aqueles com idade igual ou superior a dezoito anos e implantação de órgãos fiscalizadores do trânsito. O autor ainda completa dizendo que isso nos “permite [...] considerar seu relativo grau de complexidade que, ao que parece, já assumia à época”.

Em se tratando de modernidade, Florianópolis demonstrou nessa época mesmo que em ritmo mais lento, se comparada às grandes metrópoles, muito dos vetores que compõem o mundo moderno, com a modificação do comportamento, dos hábitos e mentalidade das pessoas na cidade na virada do século dezenove para o vinte, consagrando as práticas modernas a partir desse tempo.

CAPÍTULO 3

AVAHY FOOTBALL CLUB: NOTAS SOBRE ORIGEM

O futebol no Brasil desde o início do século vinte mostrou sua “cara”, com manifestações populares, por meio de jogos, o surgimento de alguns times. Mas foi a partir da década de 1920 que ele se consolidou na sociedade brasileira, com proliferação em todos os cantos do país. Em Florianópolis não foi diferente, os anos 1920 foram um marco para o futebol na cidade.

Assim como em todo o país, até os anos 1920, o futebol era jogado de forma amadora, os times se organizavam entre si e se enfrentavam. Em Florianópolis a prática se proliferou e passou a ser realizada em dezenas de lugares, os campos eram improvisados, utilizados para a diversão de jogar bola. Quando um time de garotos começa a se destacar na cidade, essas brincadeiras passaram a ter um sentido mais sério para eles. Devido às boas atuações e vitórias sobre outros times, os meninos tiveram o desejo de alcançar notoriedade e reconhecimento dos demais times já organizados como clube. Este contexto é o que antecede a formação e fundação do Avahy Foot Ball Club. (ROSA, 2003).

Na Rua Frei Caneca, centro da cidade, havia um comerciante chamado Amadeu Horn, o qual cedia seu campo para os garotos da comunidade jogarem. Diretor do Clube Náutico Riachuelo, Horn, para dar início à consolidação do sonho dos meninos, mandou confeccionar o uniforme do time de futebol nas mesmas cores do clube de remo: azul e branco.

Para a entrega dos uniformes foi marcada uma reunião com toda comunidade. Esta reunião tratava-se da fundação de um time de futebol. Durante ela foi escolhido o nome do time, que inicialmente chamar-se-ia Independência, mas logo foi trocado pelo sugerido por Arnaldo Pinto de Oliveira: em homenagem a uma Batalha da Guerra do Paraguai, este solicitou que o time fosse batizado de Avahy. Em 1º de setembro de 1923 foi fundado o Avahy Foot Ball Club.

Os “garotos do seu Amadeu”⁸ saíam do anonimato, agora pertenciam a um clube, com as formalidades e características peculiares de uma agremiação formal (ROSA, 2003, p. 41).

⁸ Nome dado aos jovens que jogavam futebol no terreno do comerciante Amadeu Horn.

O que também contribuiu para o time alcançar a legitimidade e o reconhecimento da população, além das boas atuações em jogos, foi conquistar o destaque na imprensa, os jornais davam espaço para noticiar informações sobre o clube, assim auxiliavam no processo de aproximação entre ele e a sociedade (ROSA, 2003).

Mas mesmo ganhando espaço na vida social da capital, ainda assim, os jogos não eram realizados de forma organizada e formalizada, o futebol na cidade necessitava criar normas para sua prática, com isso, muitos clubes da cidade, inclusive o Avahy, desejavam formar uma entidade que pudesse reconhecer e legitimar as disputas. O caráter da informalidade presente no futebol de Florianópolis era algo que pouco contribuía para a ascensão dos clubes (ROSA, 2003). Então, a partir de 1923, ocorreu uma movimentação dos dirigentes de clubes de Florianópolis para fundar a tal entidade. O Avahy mostrava interesse em auxiliar na formação de uma Liga, tanto que em menos de um ano depois de sua fundação, estava entre os clubes idealizadores do projeto e no processo de consolidação da entidade que seria responsável pela administração do futebol, não só da cidade, mas do estado.

E a partir de inúmeras reuniões entre os dirigentes dos clubes, em 12 de abril de 1924 foi fundada em Florianópolis a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), instalada numa sala do Ginásio Catarinense. Os clubes fundadores foram Avahy, Externato, Figueirense, Internato e Trabalhista. Com representatividade, o futebol perdia de parte seu amadorismo, e tornava-se formalizado e mais competitivo.

Um dia após a fundação da Liga, foi marcada uma partida entre os times, Avahy e Figueirense. Supõe-se que foi nesse jogo que a rivalidade entre os dois clubes se iniciou, com confusões dentro e fora do campo entre os jogadores. Com a virada do Figueirense, que perdia de três gols a zero, começou um tumulto dentro de campo, e quando ainda faltavam 15 minutos para terminar a partida, um delegado deu como finalizado o jogo. Se naquele primeiro encontro a rivalidade já foi instaurada, no segundo, o Avahy dará início a um "tabu", pois o Figueirense, após a vitória de 1924, só retornaria a vencer um clássico em 1932, tendo que assistir ao Avahy obter conquistas durante os anos 1920 (ROSA, 2003).

O time seguiu os anos 1920 com muitas vitórias, atraindo simpatizantes e adeptos de todos os segmentos sociais, como afirma Rosa, ao afirmar ser um erro rotular o Avahy como um clube formado pela elite: "[...], o Avahy nunca esteve atrelado a nenhum grupo social, pois foi fundado por segmentos diversos da sociedade local." (ROSA, 2003, p. 45). Com as conquistas dentro de campo, as pessoas começam a ter interesse em acompanhar esse time vitorioso.

O clube tinha uma rede de apoios que já incorporava o papel de torcedor, aquele que se emociona, se entusiasma, se empolga com o time. E de acordo com DaMatta (1982, p. 26), “o espectador do jogo [de futebol] no Brasil é chamado de torcedor, isto é, alguém que torce [...], torcer indica a ideia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si, como quem estivesse sendo submetido a um torneio físico ou tortura.”

O Avaí, diferente de outras equipes que surgiram na década de 1920, não desapareceu. Parcialmente responsável pela manutenção do clube foi a torcida, mas evidentemente esta existiu devido aos feitos que ele obteve durante o início de sua trajetória no cenário futebolístico da capital, com seus títulos nas competições em que participava, como as estaduais e cidadinas.

No início dos anos 1930, é inaugurado o estádio Adolfo Konder, conhecido também como Campo da Liga, na rua Bocaiúva, onde hoje se localiza o Shopping Beira-mar, palco dos jogos entre os times da capital. Nessa mesma época, em 1931, o Avaí inaugura sua sede social, na rua Conselheiro Mafra, com amplo salão de eventos e local para jogos e serviços de botequim⁹. O futebol, nos anos 1940, funcionava como uma rede de relacionamentos, em que grupos sociais se relacionavam, buscando aproximações, inclusive políticas, preparando terreno para futuras coligações. Todavia, se não fosse por interesses, mesmos políticos, os clubes de futebol de Florianópolis, com poucas empresas dispostas a ajudar financeiramente, permaneceriam em total fracasso. Falta de profissionalismo e quase absoluta ausência de recursos financeiros para manter os clubes eram os principais problemas encontrados (RODRIGUES, 2004).

A Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, fundada em 1924, torna-se em 1927 a Federação Catarinense de Desportos (FCD), existente até 1951, sendo substituída pela ainda hoje existente Federação Catarinense de Futebol (FCF). De 1939 a 1946, o presidente do Avaí Foot Ball Club, Aderbal Ramos da Silva¹⁰, esteve à frente da presidência da FCD. Ele foi o responsável pela montagem, em 1944, de um dos mais expressivos times da história do clube (RODRIGUES, 2004). Isso porque nesse mesmo ano, o então presidente da FCD

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ava%C3%AD_Futebol_Clube

¹⁰ Nasceu em 1911 e morreu em 1985. Filho de João Pedro Ramos da Silva e de Raquel Ramos da Silva, neto materno de Vidal Ramos, sobrinho de Nereu Ramos e Celso Ramos. Casou com Ruth Hoepcke da Silva, filha de Carlos Hoepcke Júnior e neta de Carl Hoepcke. Aderbal Ramos da Silva foi advogado, jornalista, banqueiro e político: presidente do diretório municipal de Florianópolis do Partido Liberal Catarinense, deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1935 – 1937; 1947-1951), governador de Santa Catarina, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), assumiu o governo em 26 de março de 1947, tendo se afastado do governo por longo período, por problemas de saúde, quando foi substituído por José Boabaid, presidente da Assembleia Legislativa. http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aderbal_Ramos_da_Silva&oldid=26652374.

mandou buscar no Rio de Janeiro um agrônomo e jornalista que possuía vínculos com o clube Flamengo. Este fez cada jogador da seleção catarinense submeter-se a exames médicos, preocupado em dar um caráter mais profissional ao futebol em Santa Catarina, em especial para o Avahy, seu time de devoção. No início de 1944, em disputa da final do Campeonato Catarinense, contra o América, de Joinville, o Avahy goleia com o placar de 14 a 3. Dessa forma é consagrada a maior goleada da história do Campeonato Catarinense¹¹.

O Estádio Adolfo Konder, passou a pertencer unicamente ao Avahy Foot Ball Club em 1972, permanecendo assim até sua demolição em 1983. Naquele mesmo ano é inaugurado o estádio oficial e pertencente ao clube até os dias de hoje, o Aderbal Ramos da Silva, chamado de Ressacada.

O time, durante toda sua trajetória, teve seus momentos altos e baixos, conquistou 15 títulos Estaduais e um Campeonato Brasileiro da Série C, em 1998. Mas também já foi rebaixado no próprio Campeonato Estadual em 1993, voltando para elite na edição do ano seguinte, uma vez conquistado o título da "Segundona".

Atualmente, o Avahy encontra-se na segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, após o acesso em 2008 e ser rebaixado da elite do futebol nacional em 2011.

¹¹ O time do Avahy era composto por, entre outros, Adolfinho, Fateco, Diamantino, Loló, Procópio, Beck, Filipinho, Nizeta, Braulio, Tião e Saul (RODRIGUES, 2004).

CAPÍTULO 4

O FUTEBOL EM FLORIANÓPOLIS (1924-1933), O AVAHY FOOTBALL CLUB EM ESPECIAL

Para coletar as fontes para o presente estudo foram utilizados dois jornais que circulavam pela sociedade florianopolitana nas décadas de 1920 e 1930. Inicialmente buscou-se no jornal com maior popularidade, O Estado, e na falta deste, procura-se em outro, O Tempo, pelo motivo deste aportar mais matérias relacionadas ao esporte comparado, por exemplo, com A República, outro jornal veiculado na época e que teve suas páginas pesquisadas, mas sem sucesso na busca pelos conteúdos esportivos.

Com o intuito de analisar o andamento do esporte na capital, em especial o futebol, sobretudo o Avahy Foot Ball Club, foram pontuados os anos de 1925, 1928 e 1933 para realizar a análise. O jornal O Estado teve cerca de 60 notas esportivas por ano. A análise do ano de 1925 foi dividida em duas etapas, os primeiros seis meses do ano a fonte utilizada foi o jornal O Estado e para os seis últimos meses de 1925, O Tempo. Nele foram encontradas cerca de 100 notas esportivas. Ainda no início do século vinte, os jornais impressos já eram os meios de comunicação da sociedade florianopolitana. Estes veiculavam as notícias diariamente, informavam a população sobre os fatos cotidianos, sociais. Dentre eles o futebol ganhava destaque. Nessa mesma época o esporte na capital já tinha uma entidade que formalizava as competições entre os times do estado. Os espaços destinados ao esporte variavam, como, por exemplo, pequenas notas que informavam os treinos dos clubes de futebol, no campo da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), o já citado Adolfo Konder, situado do centro da cidade. Algumas apontavam a obrigatoriedade da presença nos treinamentos e as possíveis penalidades, caso os jogadores convocados a ele não comparecessem (O Estado, 21 de março de 1925 nº 3230).

As notícias do futebol nacional também tinham espaço nas notas publicadas pelos jornais. No ano de 1925 foi constatada a participação do futebol brasileiro em viagem à França para dois jogos com o selecionado daquele país, com duas vitórias do time brasileiro. Este era composto por jogadores da cidade de São Paulo, assim como foi destacado na própria nota que informava o "quadro paulistano" de jogadores (O Estado, 17, 24 de março de 1925, nº 3226, 3232), mas que estavam lá representando o *football* brasileiro.

Com os jogos internacionais, os brasileiros começavam a ganhar destaque. Além das vitórias conquistadas em Paris, os *chronistas* franceses faziam elogios à equipe brasileira, em especial ao jogador Friedenreich: “Rio, 19. Informam de Paris que o *chronista* de *Le Journal* declarou também que Friedenreich é o jogador mais completo e veloz que elle já viu.” (O Estado, 19 de março de 1925, nº 3228). Este fato vai ao encontro do que Franzini (2003) ressalta, a partir de fontes oriundas de jornais dos grandes centros, sobre o reconhecimento internacional que o Brasil conquista, ao relatar as "habilidades incomparáveis" dos jogadores brasileiros.

Assim como foi publicado em nota, mas agora representando de fato o futebol de São Paulo, a equipe do Club Palestra Itália viaja a Buenos Aires, para jogo amistoso com os argentinos. (O Estado, 21 de março de 1925, nº 3230).

Além da viagem internacional, em 1925, era constatado intercâmbio interestadual de *clubs* brasileiros. Foi o caso do amistoso realizado entre os times Figueirense (Florianópolis - SC) e Palestra Italiano (Santos - SP), na cidade do segundo. Isso acontecia também em plano estadual, “viagem interurbana”, como se noticiou a viagem do Avahy Football Club a Joinville para jogo amistoso contra a equipe da cidade, o América Football Club. Assim como acontecia em 1928, com destaque para cidade de Brusque, que tanto recebeu times da capital, como trouxe sua delegação esportiva para cá. Em 1933 o intercâmbio pode ser observado entre Itajahy, Florianópolis, e entre times de diferentes estados, como entre São Paulo e Santa Catarina, mais precisamente entre aqueles que possuíam maior destaque já nesta época, Avahy e Figueirense.

As notícias giravam em torno do *football*, mas não se limitavam apenas a este esporte. Outros também tinham seu destaque, como por exemplo, remo, *golf*, *box*, automobilismo, *turf*, *tennis*. Entre eles, os que recebiam mais destaque, com maior número de notas, eram o *football*, o remo e o *tennis*.

O esporte naquele tempo era ainda praticado de forma amadora, sustentado pela mentalidade aristocrática, prática de lazer como o cinema, este destacado nos jornais com algumas notas informando sobre as sessões realizadas diariamente, na capital. A prática esportiva, assim como as sessões de cinema, era ponto de encontro social da juventude elitizada da cidade. Pode-se observar, em uma nota no jornal, a união dessas duas práticas aristocráticas, quando informada uma sessão beneficente, no Internacional Cinema, em benefício ao Avahy Football Club. (O Estado, 8 de maio de 1925, nº 3269).

Com o amadorismo presente nos esportes, o *fair play* reinava em suas práticas, e essa característica desencadeava o perfil do indivíduo praticante, no início do século vinte, como se pode observar na nota em que um dos jogadores que deu um pontapé em seu adversário, jogando-o "por terra". Ele foi censurado pela coluna do jornal, chamada *O Espectador*, esta pedia punição a ele, já que violência dentro da praça esportiva era passível de penalidade, segundo o Estatuto da Liga. Mas, em contrapartida, e para garantia de manter a prática com seu caráter "genuíno", o jogador lesado pelo pontapé escreve para o jornal e defende o adversário, como segue na nota *Pelo Desporto*:

... não posso furtar-me ao desejo de desmentir a nota pelo "Espectador" [...] e de defender o sportman da acusação que lhe foi feita [...]. O incidente que hontem fui victima, poderei amanhã ser autor, tendo em vista que por mais prudente, calmo, e refictido que queira ser quem se dedique a esse gênero de Sport, não poderá nunca transformal-o em jogo de salão. (Carlos Bezerra, jogador do Continental. O Estado, 25 de abril de 1925, nº 3259).

Esta época é a de um futebol ainda amador. A crença nos valores desse tipo de prática, segundo Gay (1995, p. 445) era que "só amadores poderiam manter acesa a chama de um jogo limpo. A honestidade exigia não tirar vantagem da obstrução do juiz numa falta contra o adversário." Gay formula a ideia de que o esporte teria como função de formar o *gentleman*. No segmento de jornal supracitado pode-se observar a negação ao "não gentleman" a partir do ato descrito do jogador que atingiu seu adversário e o desejo pelo caráter amador no esporte. Os esportes tinham de ser um puro prazer e sua realização a expressão espontânea da vitalidade (GAY, 1995, p. 444). Enaltecia-se o espírito cavalheiresco, segundo o qual no esporte importa antes o jogo do que a vitória.

Desde o surgimento da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, esta organiza torneios, jogos amistosos e campeonatos. Em 1925, o campeonato de *football* teve sua abertura em 19 de abril no *Gymnasio Catharinense*¹².

¹² Colégio dos Jesuítas, localizado em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, começou a funcionar regularmente em 15 de março de 1906, tornando-se, até a década de 1930 o único instituto de ensino secundário em Santa Catarina (DALLABRIDA, 2002 p. 1). O futebol em Florianópolis, segundo Dallabrida, teve início

O jornal O Estado informava o dia e horário da contenda e no dia seguinte relatava sobre o evento. No jornal havia notícias sobre as reuniões, assembleias, tanto da LSCDT, como dos clubes. Como por exemplo, a reunião da Liga para escolha dos juízes de *football* para o campeonato, ou até mesmo a convocação para selecionar os árbitros e a convocação dos sócios às assembleias dos clubes para alteração do Estatuto. Com essas informações, podemos observar como o esporte já era visto como algo importante para a cidade, e como estava articulado de forma organizada. Para que tais notas fossem tão importantes a ponto de aparecerem nos jornais, tratava-se de algo que pelo menos interessava à parte da população florianopolitana.

Além das notícias falando propriamente de cada esporte, o jornal ressaltava a importância dele na vida da juventude, como podemos observar a seguir na matéria da coluna “Pelo Desporto”:

O dia de hontem foi consagrado aos diversos ramos do desporto que ultimamente se desenvolveu na capital [a nota destaca o Remo, Football e o Tennis]. A nossa mocidade, desta vez, está convencida que mais vale tratar da sua cultura physica, educando-a e applicando as suas forças em seu próprio aproveitamento, do que perdela e esgotala nos excessos que tanto prejudicam o organismo e a saude, como sejam os abusos que se commetem nos divairos da mocidade. Hontem empenhados como estavam nas diversas pugnas desportivas, sentiram por certo um enthusiasmo sadio e forte que logo se communicou a quantos estavam ligados ou filiados aos diversos clubs desportivos desta capital. (O Estado, 25 de maio de 1925, nº 3283).

No jornal O Tempo a coluna destinada ao esporte chamava-se “Notas Desportivas”. Ela informava os treinos dos *clubs* na *praça desportiva*, os jogos do campeonato da cidade e de torneios também organizados pela Liga. O *football* nacional também era noticiado em sua nota, como o campeonato carioca (O Tempo, 30 de setembro de 1925, nº 222, p. 2) . Ou ainda no destaque da vitória do *football* do time do brasileiro que participava do Campeonato Sul-americano (O Tempo, 20 de dezembro de 1925, s. n, p.2).

nessa instituição de elite, o Gymnasio Catharinense, fato que revela a grande importância que tal instituição tinha para o esporte na cidade.

A LSCDT promovia jogos beneficentes, e o jornal noticiava tal iniciativa, como foi o caso daqueles ocorridos entre os times da capital em benefício do Club Náutico Francisco Martinelli, no dia 18 de outubro de 1925. (O Tempo, nº 237, p. 5). Concomitantemente, no aniversário de dois anos de fundação do Avahy Football Club, o jornal faz uma nota dedicada ao *club*:

Transcorre hoje, o 2º aniversario da fundação do Avahy Foot-Ball Club.

Sociedade formada por um grupo de meninos, hontem um club infantil, é hoje o Avahy três vezes campeão, vencedor da temporada doa anno passado, do torneio amistoso e do torneio initium deste anno.

Unicamente pelo esforço dos seus dirigentes, pela camaradagem e communhão de idéas dos seus associados, este glorioso club, conseguiu galgar a alta posição que occupa, elevando se de victoria em Victoria, empenhando se em luctas renhidas com adversários fortes, sabendo bater-se sempre com franquesa e lealdade.

A sua organização póde-se dizer que uma oraganização de ferro, tendo por base solida a sábia orientação dos srs Amadeu Horn e Alfredo Loureiro, dois verdadeiros benemetrios que muito têm feito pelo progresso deste glorioso club, dois sonhadores de realizações sportivas em nossa terra.

Além de possuir um quadro excelente, treinado, nota-se no Avahy o entusiasmo, a união existente entre seus jogaddores, a obediência que prestam aos directores do Sport, o que é uma das causas principaes do bom caminho que trilha este Club.

Parabens, pois á distincta diretoria do Avahy, que vê, passar entre risos e glorias o 2º aniversario de sua fundação. (O Tempo, 1º de setembro de 1925, nº 198, p. 5).

Em 1928, o objeto deste estudo completava cinco anos de fundação. Nesse ano se pode observar algumas mudanças em relação à grafia da palavra *football*. Se antes era assim escrita, em língua inglesa, agora passava a ser na local e usada até os dias atuais, então, futebol. Outro destaque é dado à mudança do nome da entidade que legisla o esporte no estado, ou seja, a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT) passou ser chamada de Federação Catharinense de Desportos (FCD), em 1927.

O campeonato estadual se dava em dois momentos, o do interior e o da capital. Cada primeiro colocado se credenciava para uma partida que decidia o campeão. Os clubes que participavam do campeonato estadual deveriam necessariamente estar filiados à FCD. Como o único time do interior que confirmou sua filiação à FCD referente ao ano de 1927 foi o Brasil Futebol Club, de Blumenau, este automaticamente foi campeão do interior, tendo disputado, em 15 de janeiro de 1928, a final do campeonato estadual de 1927 com Avahy Futebol Club, campeão da capital no mesmo ano. (O Estado, 14 de janeiro, 1928, nº 4093).

O jornal nesse ano divulgava a tabela dos jogos do campeonato da cidade, que iriam ocorrer entre os meses de maio, junho, julho e agosto. (O Estado, 4 de maio de 1928, nº 4185). Sobre o campeonato da cidade e sobre o campeonato estadual, as notas desportivas se limitavam a informar os dias dos jogos e em notas posteriores, aos jogos anunciados, relatavam sobre os acontecimentos, destacando algo sobre a partida e informando o placar.

Em 1928, viu-se a primeira participação do futebol catarinense no campeonato brasileiro de futebol. Tratava-se, naquele ano, da sexta edição do torneio. Diferentemente dos dias atuais, o campeonato brasileiro era disputado por selecionados que representavam os estados brasileiros. A seleção catarinense de futebol era formada tanto por jogadores da capital quanto do interior. Mas em se tratando de uma época em que o amadorismo reinava, havia jogadores convocados à seleção (catarinense) que não compareciam aos treinamentos, mesmo sendo eles previamente marcados. A nota a seguir relata o caso: “O jogo entre os combinados, para preparar jogadores e reservas para o selecionado barriga verde, ao sexto campeonato brasileiro, não se realizou, devido á indisciplina da maioria dos elementos escalados, que não compareceram.” (O Estado, 18 de setembro de 1928, nº 4301). A nota continua com um pedido aos diretores da Federação Catharinense de Desportos para que agissem com energia contra os “elementos indisciplinados”. Este pedido tinha o intuito de se levar a sério o sexto campeonato brasileiro de futebol, de forma que a seleção *catharinense* pudesse demonstrar “o adiantamento do futebol na nossa terrinha estremecida.”

Outro elemento registrado na nota foi a necessidade da disciplina corporal, valor importante para as sociedades em processo de modernização. Relacionado a isso, Sevckenko (1992, p. 49) relata que “o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação [...] ao mundo (...)” Com um argumento semelhante, Gay (1995, p. 437) fala dos efeitos civilizadores do esporte e aponta que para praticá-lo deve-se obrigatoriamente manter a calma, comportar-se corretamente a todo tempo, com a intenção de dominar-se e conseguir

fazer o que lhe é útil sem infringir os direitos alheios. Neste sentido pensa-se em “criar nos indivíduos uma disposição instintiva à ação disciplinada, à coordenação coletiva de movimentos e propósitos e a se guiar por um conjunto fixo de regras, limites e alternativas.” (SEVCENKO, 1992, p. 48). O autor ainda acrescenta que a finalidade do esporte está em incorporar o “espírito esportivo”, levando em conta que isso vai muito além do apenas vencer. No mesmo dia da nota supracitada, foi anunciada a transferência do primeiro jogo do campeonato brasileiro entre os gaúchos e os catarinenses. Com esse fato, a FCD teve que dispensar os jogadores. Como se tratava de um selecionado do estado, os jogadores do interior voltaram para casa, com o prejuízo para a Federação, já que esta teve que arcar com as despesas provindas deles. Assim, foi noticiado que a FCD poderia pedir indenização para a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), pois o jogo havia sido transferido por conta da própria Confederação. Tal atitude foi repugnada em nota posterior, que alegava que seria um ato que possivelmente traria problemas para o esporte do estado, pois este poderia “sofrer as conseqüências desagradáveis de uma resolução precipitada.” (O Estado, 19 de outubro de 1928. nº 4329).

Uma importante matéria sobre o *Stadium* da FCD foi publicada no dia três de outubro de 1928. A matéria diz do mau estado que aquele se encontrava, comparado com o *stadium* que acabara de ser construído na capital do estado do Rio Grande do Norte, na época o maior do Nordeste. Na nota abaixo, após ser relatado o feito apenas descrito, foram questionado alguns pontos, como segue:

que vemos aqui? Um campo cercado por tábuas a cair de podres [...], obra realizada como temporária, mal e mal, por alguns rapazes de um clube desta cidade, e que os dirigentes do futebol catharinense resolveram considerar duradoura... Porque os senhores da F.C.D não fazem alguma coisa pelo... stadium da rua Bocayuva? (O Estado, 3 de outubro de 1928, nº 4315).

Pode-se notar a partir desses questionamentos em relação ao estado que se encontrava o *stadium* da FCD, o zelo e a preocupação que se destinava aos esportes, o alcance que eles atingiam na sociedade.

Isso se confirma nos dados obtidos cinco anos depois, em 1933 – ano ao qual nos dedicamos também, novamente em ‘O Estado’ –, quando se pode ler uma matéria relatando

novamente sobre o mau estado em que o *stadium* se encontrava. A matéria dizia da necessidade de reconstrução imediata da praça desportiva da Federação Catharinense de Desportos, ressaltando que ela seria realizada com os recursos de “inúmeros bons amigos que a entidade terrestre conta no meio esportivo e social do Estado” (O Estado, 18 de abril de 1933, nº 5865, p. 6). A FCD não tinha condições financeiras de arcar com a reforma do *stadium*.

O ano de 1933 representa um marco na história do futebol, já que o amadorismo no futebol foi sendo suplantado pelo profissionalismo. Principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, encontravam-se times de futebol profissionais, mesmo ainda não sendo como tais reconhecidos pela entidade nacional que organizava a prática no Brasil. Em Santa Catarina, o profissionalismo ainda não se encontrava presente. A ideia de manter o futebol amador vai ao encontro da busca em conservar o seu caráter “genuíno”, vinculado à formação do *gentleman*, da “prática pela prática”, o que conserva o esporte elitizado e não democrático. Sobre o profissionalismo, no dia 14 de fevereiro de 1933, foi divulgada uma nota que podenrava tal característica da prática desportiva:

O profissionalismo – Rio, (Correio) – os jogadores que se vão submeter ao regime do profissionalismo terão uma série de obrigações que não tinham no amadorismo. Assim sendo, vão ficar privados de certas liberdades que desfructavam antes. Nem todos os jogadores estão em condições de aceitar, sem sacrifício, algumas das exigências impostas pelo futebol profissional que, como se sabe, é bastante absorvente. Para que tenha uma idéia do rigor de muitos aspectos da vida dos jogadores profissionais, observa-se uma medida que o Fluminense adoptará para evitar a simples possibilidade de desavença. Assim é que o tricolor só aceitará, para seu team de profissionaes, jogadores solteiros. (O Estado, 14 de fevereiro de 1933, nº 5816, p. 6).

Isso mostra o quanto o profissionalismo ainda era mal visto dentro do campo esportivo e pela sociedade de modo geral, principalmente pela elite que tinha o desejo de manter o traço e o ideal aristocráticos nos esportes. Era desejado que o esporte fosse praticado de forma "desinteressada", assim como Bourdieu (1983, p. 140) sugere, quando afirma que o amadorismo como ideologia “faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade

artística, porém mais conveniente do que a arte para afirmação das virtudes viris dos futuros líderes.” Assim, sem entrar no mérito das artes, podemos pensar que o esporte, deixando de lado sua característica de formador de indivíduos "prontos para encarar a sociedade", perde seu prestígio, e o que antes era praticado por distração e gozo, agora com o profissionalismo será praticado antes por interesse financeiro, como trabalho com a oportunidade de garantir seu sustento, por obrigação.

Um fato que demonstra o amadorismo ainda reinante em Santa Catarina foi o não comparecimento do time Tamandaré, de Florianópolis, ao jogo do Campeonato local, devido ao excesso de serviço de seu presidente. (O Estado, 15 de dezembro de 1933, nº 6066, p.8).

Em 1933, o campeonato estadual de futebol, em Santa Catarina, contava com times de Florianópolis, Blumenau, Itajahy e Joinville. O torneio iniciava no final do ano para terminar somente no ano seguinte, com a pretensão de “concluir antes do carnaval” (O Estado, 14 de novembro de 1933, nº 6040, p. 6). Com isso, observa-se que o Campeonato Estadual ainda não possuía uma organização de sua tabela, com as datas dos jogos. Mais um ponto que ainda mostra o amadorismo na FCD é o fato de que nesse ano a entidade *catharinense* não faz sua inscrição no campeonato brasileiro de futebol, que já possuía em seu quadro os times profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em se tratando do futebol sul-americano, o profissionalismo ainda era repugnado, visto que para as disputas das Taças, Rio Branco e Julio Roca, com jogos, respectivamente, contra os países vizinhos Uruguai e Argentina, uma das dificuldades encontradas para participação do selecionado brasileiro foi o fato que faltava “elementos disputantes, uma vez que os aproveitáveis se inscreveram no profissionalismo repellido.” (O Estado, 18 de maio de 1933, nº 5889, p. 6). A nota ainda acrescenta outras dificuldades que fizeram a Confederação Brasileira de Desportos não disputar as Taças naquele ano, como o Brasil não possuir campo em condições para as disputas dos jogos e sua precária situação econômica, entre outros.

A abertura oficial da temporada de futebol no estado era dada pelo Torneio *Initium*, do qual participavam obrigatoriamente os clubes da capital inscritos para o campeonato estadual. Em 1933 o campeão deste torneio foi o Avahy Futebol Club. Durante a disputa do campeonato estadual, o Avahy Futebol Club promove um festival. O evento contou com o apoio do jornal O Estado, que veiculou as notícias, quase que diariamente, avisando sobre os passos do festival. Este era para acontecer em um dia, mas por causa do mau tempo no dia da realização, foi dividido em duas partes. Outro apoio com o qual o evento contou foi da Confeitaria do Chiquinho, que disponibilizou sua vitrine para a exposição das taças do

festival. Fato que mostra como o esporte, no caso, o futebol, pertencia à vida social da cidade, já que nesse estabelecimento eram comuns os encontros entre jovens da elite da pacata cidade de Florianópolis.

Após o levantamento e breve análise das fontes selecionadas, pode-se observar que houve uma ruptura. Assim como foi verificado em 1928 um progresso no que diz respeito ao futebol catarinense, em 1933 parece ter havido algum retrocesso esportivo. Podemos supor que uma explicação seria a condição econômica da entidade, mas algo mais importante talvez seja o início do processo de profissionalização no futebol, quando este coloca para trás aqueles que não a ele aderiram. Deste modo, os times que não se profissionalizaram a partir dessa época, perderam espaço no cenário do futebol, e sem divulgação, possivelmente perderam público e prestígio. Mas isso não quer dizer que com o profissionalismo ocorre uma regressão na prática do futebol, mas uma divisão entre times amadores (aqueles que de fato, não tiveram condições ou interesse para manter o time juntamente com a contratação de jogadores, agora, profissionais) e que se profissionalizaram (garimpando sua permanência com destaque no cenário futebolístico da capital, assim como ocorreria em todo o Brasil).

UMA NOTA FINAL

Pode-se pensar o futebol como um movimento migratório contínuo moderno. Após a sua invenção, ganha destaque na sociedade inglesa e se populariza, expandindo-se inicialmente para países vizinhos e posteriormente para outros continentes.

Essa dinâmica se repete em todos os lugares de forma parecida. Primeiramente tem-se uma prática aristocrática, mas que se populariza e democratiza. Ao chegar ao Brasil, o futebol acontece de maneira semelhante à observada nas demais sociedades, mas aqui há uma grande aceitação da prática, com o apoio da mídia impressa para divulgá-lo.

As escolas aderem às práticas esportivas, na perspectiva de disciplinar os corpos. A educação física entra como algo para instruir e, assim como o nome sugere, de educar para que os jovens passem a interiorizar condutas. Com isso, o futebol, assim como os outros esportes, é disseminado e apropriado.

Em Florianópolis, o processo de modernização se instaura posteriormente ao das grandes metrópoles brasileiras, e adere aos costumes e práticas modernas, assim como, por exemplo, o futebol.

Nesta época, o amadorismo ainda era presente nos desportos, o *fair play* reinava em suas práticas, e essa característica confirmava o perfil do indivíduo praticante de esportes nas primeiras décadas do século vinte. Deste modo, preservava-se o sentido original do futebol, a disciplinarização dos corpos e a formação do "bom moço", do *gentleman*.

Foi na década de 1920 que se pôde constatar a disseminação do esporte no Brasil. Na capital catarinense, naquela mesma década acontece a fundação de times até hoje existentes na cidade, AvaHy e Figueirense; além de outros que foram desaparecendo do cenário esportivo da capital. Permaneceram após a profissionalização do esporte somente os que aderiram ao movimento do amadorismo ao profissionalismo.

Dentro desse contexto esportivo em Florianópolis, o AvaHy Football Club ganha prestígio devido às suas vitórias e conquistas nas disputas citadinas e estaduais em seus primeiros anos de fundação. E na sua postura incisiva para consolidar a fundação de uma entidade que legitimasse o esporte no Estado.

REFERÊNCIAS

ADERBAL RAMOS DA SILVA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aderbal_Ramos_da_Silva&oldid=26652374>. Acesso em: 15 nov. 2011.

AVAÍ FUTEBOL CLUBE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011b. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ava%C3%AD_Futebol_Clube&oldid=27791669>. Acesso em: 13 nov. 2011.

AVAI FUTEBOL CLUBE. *Homepage*. Disponível em: <<http://www.avai.com.br/home/>>. Acesso em: 20 nov. 2011a.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983. p. 136-153.

DAMATTA, Roberto. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. p. 19-40.

DALLABRIDA, Norberto. Disciplina e devoção: o Ginásio Catarinense na Primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. Anais... Natal: Sociedade Brasileira de História da Educação/Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p.257-278.

FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Das Águas, 1998.

FRANZINI, Fábio. *Coração na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 - 1938)*. Rio de Janeiro: Dp&a, 2003.

GAY, Peter. Domínio Incerto. In: _____. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995. 3 v. p. 436-448.

MELO, Victor Andrade de. *Futebol: que história é essa?*. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues Carrano. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: D P & A Editora, 2000, v. 1, p. 10-22.

RODRIGUES, Carlos César. *Saúde do corpo, rendimento no trabalho: a política do esporte no Estado Novo em Florianópolis*. 2004. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Graduação em História, Departamento de Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ROSA, André Luiz. *Da modernidade à fundação do Avahy Foot Ball Club: a relação do clube com a sociedade de Florianópolis da década de 1920*. 2003. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em História, Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SANTOS, Silvio dos. Porto de Florianópolis. *PortoGente*. Transporte Modal, [online], 16 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=23173>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1992. p.43-73.

SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VAZ, Alexandre Fernandez; BOMBASSARO, Ticiane. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). *Sport, cidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010, p. 193-212.

WISNIK, José Miguel. A elipse: O futebol brasileiro. In: _____. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008. p.212-232.